



RESENHA

11 *Resenha da Coletânea Experiências da Memória e do Espaço em Josué Montello: Leituras da Geograficidade*

Daniel Batista Rocha (Bolsista de Iniciação Científica CNPq/UFMA)¹

Márcia Manir Miguel Feitosa (Profa. Titular do Departamento de Letras da UFMA)²

1. Graduando em Letras-Espanhol pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Integrante do Grupo de Pesquisa em Paisagem e Literatura (GEPLIT), coordenado pela professora Márcia Manir Miguel Feitosa. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Revisor técnico da Revista Turismo & Cidades e da Empresa de Letras Athena. Email: db.rocha@discente.ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3526-2604>.

2. Professora Titular do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Pós-Doutora em Estudos Comparatis-

tas na Universidade de Lisboa, sob a supervisão da Profa. Helena Carvalhão Buescu. Bolsista de Produtividade do CNPq - nível 1D. Docente permanente dos Programas de Mestrado em Letras, Linha de Pesquisa: Estudos Teóricos e Críticos em Literatura e em Cultura e Sociedade da UFMA, Linha de Pesquisa: Expressões e Processos Socioculturais. Coordenadora do PROCAD-AM (PGCult/UFMA) com a UEMA (São Luís) e a UESB (Vitória da Conquista). Líder do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (GEPLIT). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa. Email: marcia-manir@hotmail.com ORCID: 0000-0001-5750-8620

Dizer que a terra nos habita assim como nós a habitamos é cair em um dos mais antigos lugares-comuns de que se tem notícia. Por outro lado, se um jargão foi tão frequentemente repetido a ponto de se tornar um lugar-comum, talvez seja preciso admitir que existe nele alguma verdade comprovada pela experiência coletiva. Ou não é verdade que, quando nos debruçamos sobre um texto de Victor Hugo, nos debruçamos também sobre a França tal qual esta o habitava? E o mesmo vale para Tolstói, Camões, Virgílio e para a infinidade de autores que remontam até Homero – e quiçá autores antes dele. Porque a terra é de onde partimos, onde estamos (sempre) e para onde, inevitavelmente, convergimos.

Josué Montello não contradiz essa regra. Por isso, sua obra é, sobretudo, uma obra ludovicense: uma obra *sobre* São Luís e, porque não dizer, *para* São Luís. A cidade natal do autor – que é também a sua personagem favorita – apresenta-se, na maior parte dos seus romances, como pano de fundo da narrativa, no entanto, seria uma pobreza de análise dizer que o espaço no texto montelliano se contenta em ser apenas o cenário contra o qual os atores se destacam. Em Montello, a paisagem faz brotar as personagens como a terra faz brotar a vegetação.

Tomemos como exemplo disso a história de

Mestre Severino, em *Cais da Sagração* (1981). O Barqueiro idoso adivinha a sua morte ao mesmo tempo em que pressente o fim de uma tradição familiar – a condução do barco – e de uma época, a sua própria. Assim, a degradação do Centro Histórico aparece como símbolo da degradação que se passa na cidade e, por consequência, no interior do personagem:

Estes velhos sobrados da Praia Grande, quase todos pedra e cal, muitos deles revestidos de azulejos portugueses [...] estes velhos sobrados, Mestre Severino, estes velhos sobrados começaram a morrer [...] todos eles, a um só tempo, entraram em agonia. Num relance, ao confrontar o passado com o presente, a memória recompõe ali os dias de outrora, não muito distantes, e uma sensação opressiva de decadência como que se desprende dos casarões imponentes (MONTELLO, 1981. p. 242-243).

Desse modo, descobrimos que não existe uma fronteira clara entre o mundo interior e o mundo exterior de Mestre Severino, entre a sua história pessoal e a memória dos lugares que habita. Essa fronteira incerta, mais do que separar o indivíduo do seu meio, transforma-se na região onde ambos coabitam, e onde a escrita do autor maranhense se assenta.

Portanto, visitar a literatura de Montello a

partir das categorias espaço e memória, tal como foi realizado em *Experiências da memória e do espaço em Josué Montello: leituras da geograficidade* (2021), demonstra ser uma iniciativa promissora para reavivar o interesse do público em relação à obra desse autor que, nos últimos anos, parece ter sido injustamente deixado de lado pela academia.

O Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura, da Universidade Federal do Maranhão, coordenado pela professora Márcia Manir Miguel Feitosa, se propôs ao desafio de produzir a coletânea de ensaios mencionada acima por conta de sua longa familiaridade com o tema abordado, isto é, a categoria Espaço em literatura. O grupo, há mais de dez anos, vem trabalhando de forma interdisciplinar a Literatura e a Geografia, valendo-se sobretudo de estudos da Geografia Humanista Cultural, disciplina de raiz fenomenológica que tem por objeto as relações entre o homem e os espaços vivenciados por ele.

Desse modo, para desvendar a literatura montelliana, os onze ensaios que constituem o livro se valem dos conceitos de topofilia, espaço, lugar, espaciosidade, apinhamento, lugar-sem-lugaridade, ser-estar-no-mundo e de pensadores como Yi-Fu Tuan (2013), Eric Dardel (2011), Gaston Bachelard (2008), Edward Relph (2014), Anne Buttmer (2015)

e Eduardo Marandola Jr. (2014). Tudo isso para tentar expandir a visão que o leitor comum tem do conceito de espaço em uma obra de ficção, para demonstrar que a paisagem se expande muito além das imagens e formas que a constituem, e despertar o interesse por novas maneiras de ver esse aspecto da narrativa de ficção, que é inseparável da própria ideia de narrativa.

As obras de Montello selecionadas para os ensaios foram os romances *Janelas fechadas* (1982), *Cais da sagração* (1981), *Os tambores de São Luís* (2005), *Noite sobre Alcântara* (1984), *Largo do Desterro* (1981), *Uma sombra na parede* (2000), *A décima noite* (1982), os contos “O monstro” (2001) e “O velho diplomata” (2001), além de algumas crônicas suas e os textos presentes em *Diário da tarde* (1987). Essa seleção faz jus à diversidade temática e estética do autor, bem como aos diversos espaços abordados por ele dentro e fora do eixo ludovicense.

As análises das obras são felizes em suas interpretações dos espaços simbólicos de Josué Montello. Em “*Janelas fechadas: reclusão, exílio e (re)construção do lugar entre o habitar e o ser*” (2021), por exemplo, as autoras nos dão a saber que

[...] o espaço fechado da casa, habitado intensamente por uma personagem feminina [...] se revela mais que

um cenário de acontecimentos; traduz angústias interiores e atitudes em relação aos outros e ao mundo. Sugere, inclusive, uma ligação ‘natural’ entre a mulher e o espaço privado, a maternidade e a espera passiva (LIMA; SILVA, 2021, p. 28-29).

Alguns ensaios também revelam a forma como a linguagem do autor muitas vezes demonstra relações espaciais subjacentes, como em “O exílio espaço-temporal em *Largo do Desterro*” (2021), onde, analisando o seguinte trecho do romance: “[...] foi na igreja de Santaninha que papai foi batizado. Foi lá que foi crismado. Foi lá que fez primeira comunhão, foi lá que casou, foi lá que meu irmão e eu fomos batizados e crismados, e foi lá que eu me casei” (MONTELLO, 1981, p. 15), as autoras concluem: “Curioso é constatar a sequência argumentativa devidamente marcada pelo narrador por meio da pontuação: do ponto que acentua uma pausa maior à vírgula que encadeia os vários motivos para a eleição dessa igreja e não outra” (FEITOSA; CARNEIRO, 2021, p. 117).

Em outros, o enfoque é no espaço através da memória. Em “Memória, cotidianidade e lugar na crônica montelliana” (2021), por exemplo, utilizando-se do conceito de memória, de Maurice Halbwachs (2006), Pierre Nora (1993) e Michael Pollak (1992),

os autores demonstram como o cronista Josué Montello é o inverso de um escritor ensimesmado, tendo em vista que as suas reminiscências não terminam em si mesmas, mas se ligam às de outros – e a outros –, assim como aos espaços experienciados por ele. Constatando que “[...] memória não é apenas como um esforço individual, mas também coletivo, social e cultural” (MESQUITA; PEREIRA, 2021, p. 181), demonstram que o autor maranhense coloca em sua escrita não apenas ele, não apenas a sua história, mas a história de uma multidão.

O ensaio “Os lugares íntimos de Ariana: uma leitura do romance *Uma sombra na parede*” (2000) faz a cartografia do interior de uma personagem montelliana que conhece as barbáries subjetivas que a sociedade pode cometer contra a natureza feminina. Aqui, a análise simbólica desvenda como a escolha temática do romance se relaciona com a composição espacial da narrativa. É uma bela amostragem das capacidades analíticas da Geografia Humanista Cultural aplicada à literatura, mas também uma exposição da profundidade estética de Montello.

Os demais ensaios são igualmente pertinentes pela abordagem inédita do material montelliano. Assim, a série de textos que constituem *Experiências da memória e do espaço em Josué Montello*: leituras



da geograficidade (2021) chama a atenção de uma camada vasta de leitores, pois, se de um lado pode interessar àqueles que já conhecem e amam o trabalho do autor maranhense – dado que se trata de uma leitura fresca do trabalho de Montello –, também é uma deliciosa experiência para os amantes da teoria literária, que estão sempre em busca de lentes inovadoras com que apreciar a estética do texto. Além disso, a abordagem interdisciplinar com a geografia não deixa de ser um incentivo para interessados no estudo dos espaços de modo geral.

Portanto, a realização do Grupo de Pesquisa de Paisagem em Literatura significa uma conquista para o meio acadêmico, pois demonstra o poderoso contingente intelectual atuante hoje na área da literatura maranhense, bem como a importante herança deixada pelos escritores desta terra. E se há algo que se pode dizer depois da leitura dos ensaios apresentados, é que não há nada que nos atinja mais profundamente que o legado pulsante no coração da terra.



Referências

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. Trad. Leticia Pádua. Rio de Janeiro: **Revista Geograficidade**, v. 5, n. 1, 2015.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo. Coleção Estudos, 2011.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Org.). **Experiências da memória e do espaço em Josué Montello**: leituras da geograficidade. São Luís: Café & Lápis/EDUFMA, 2021.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina, PR: EDUEL. 2010.

MONTELLO, Josué. **A décima noite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONTELLO, Josué. **Cais da sagração**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MONTELLO, Josué. **Diário da tarde**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MONTELLO, Josué. **Janelas fechadas**. 2. ed. Ver. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MONTELLO, Josué. **Largo do Desterro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MONTELLO, Josué. **Noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



MONTELLO, Josué. **Um rosto de menina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MONTELLO, Josué. **Uma sombra na parede**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.